



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Campus Riacho Fundo

Curso Superior de Letras-Inglês (Licenciatura)

**A OBRA DE GLORIA ANZALDÚA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA
FEMININA DECOLONIAL**

MARIA LUIZA FIGUEREDO GONÇALVES

BRASÍLIA

2025

MARIA LUIZA FIGUEREDO GONÇALVES

**A OBRA DE GLORIA ANZALDÚA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE LITERATURA
FEMININA DECOLONIAL**

Artigo apresentado ao Curso de Letras-Inglês (Licenciatura) do *Campus* Riacho Fundo do Instituto Federal de Brasília como requisito parcial para a obtenção de título de Licenciado em Letras Inglês.

Professora Orientadora: Prof^a Dr^a Isabella Santos Mundim.

Aprovado em: 12/02/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Isabella Santos Mundim

Prof^a Ms^a Beatriz Ribeiro Ferreira

Prof Dr Berttoni Licarião

BRASÍLIA
2025

RESUMO

Este trabalho investiga as contribuições da literatura de Gloria Anzaldúa para o estudo de gênero e decolonialidade no contexto escolar. A pesquisa busca compreender como a decolonialidade e a categoria de gênero são abordadas nessa perspectiva teórica, e de que maneira as obras de Anzaldúa traduzem e aplicam esses conceitos. A análise se fundamenta também na obra de Maria Cristina Lugones, filósofa de destaque no campo do feminismo decolonial, cujas reflexões sobre gênero no Sul Global são relevantes para a pesquisa. Além disso, propõe-se o uso da literatura feminina decolonial no ensino regular, com a criação de uma sequência didática centrada em textos de Anzaldúa, como “Mulher Cacto” e “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. O objetivo é promover discussões sobre decolonialidade, gênero e feminismo decolonial com os estudantes, ampliando as perspectivas de análise no contexto educacional.

Palavras-chave: Literatura decolonial, Feminismo decolonial, Gloria Anzaldúa.

ABSTRACT

This study investigates the contributions of Gloria Anzaldúa's literature to the study of gender and decoloniality in the school context. The research aims to understand how decoloniality and the category of gender are approached within this theoretical perspective and how Anzaldúa's works translate and apply these concepts. The analysis is also based on the work of Maria Cristina Lugones, a philosopher prominent in the field of decolonial feminism, whose reflections on gender in the Global South are relevant to the research. In addition, it proposes the use of decolonial feminist literature in regular teaching, with the creation of a didactic sequence focused on texts by Anzaldúa, such as "Woman Cactus" and "Speaking in Tongues: A Letter to Women Writers of the Third World." The goal is to foster discussions on decoloniality, gender, and decolonial feminism among students, broadening the perspectives of analysis in the educational context.

Keywords: Decolonial literature, Decolonial feminism, Gloria Anzaldúa.

Introdução

A investigação proposta neste trabalho foca nas possíveis contribuições da literatura de Gloria Anzaldúa para se pensar gênero e decolonialidade dentro da sala de aula. Para investigar essa proposição, deve-se buscar entender primeiramente o que é a decolonialidade, como essa perspectiva teórica concebe a categoria “gênero”, e como a literatura da autora mobiliza tais conceitos. Para além disso, busca-se entender como utilizar tal literatura dentro do contexto de uma sala de aula de ensino regular, preferencialmente com estudantes do ensino médio, a partir de uma proposta de sequência didática centrada na obra de Anzaldúa.

Gloria Anzaldua (1942-2004) foi uma mulher chicana nascida nos Estados Unidos da América (EUA), no estado do Texas. Além de educadora, escritora e ativista, foi uma figura essencial no feminismo transnacional e pós-colonial, destacando-se por sua escrita inovadora que desafiou fronteiras geográficas, raciais, religiosas, de gênero e sexualidade. Sua obra, que inclui ensaios, poesia e prosa, explora temas como corporalidade, identidade *queer* e deficiência, e é marcada pela alternância entre espanhol e inglês, o que ratifica a expressão de suas origens, críticas e questões.

As produções de Anzaldúa abordadas aqui são o poema “Mulher Cacto”, presente no livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), e o texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1981/2000). O livro, que combina poesia e prosa com um teor semi-autobiográfico, assim como o texto, que desafia categorias, foram apresentados em uma das disciplinas de literaturas de língua inglesa durante o curso de Letras-Inglês do Instituto Federal de Brasília - *Campus Riacho Fundo*. As duas constituem exemplos de produção decolonial, provenientes de uma autora chicana (filha de pais mexicanos que imigraram para os EUA), feminina e *queer* (uma vez que Anzaldúa era uma mulher lésbica).

Outra autora que explora a perspectiva decolonial e cuja obra nos interessa é Maria Cristina Lugones (1944-2020). Filósofa argentina, notável por suas contribuições ao feminismo decolonial e pelo ativismo como mulher de cor na Argentina, Estados Unidos e Bolívia, sua pesquisa foi profundamente influenciada pelos trabalhos de Gloria Anzaldúa. As principais contribuições de Lugones estão na análise de gênero no contexto dos países do Sul Global. Para ela, é essencial reconhecer que essa análise não pode ser separada das questões de racismo, normatividade e capitalismo (Homenagem a María Lugones, 2021).

Diante disso, propõe-se uma investigação qualitativa de análise bibliográfica que apresentará pesquisas relevantes sobre o tema, explorando teorias e conceitos que fundamentam a perspectiva de decolonização de gênero abordada na literatura de Gloria Anzaldúa.

O “giro decolonial” e o estudo das (de)colonialidades

Os estudos decoloniais surgem a partir do trabalho do Grupo Modernidade/Colonialidade (MC), formado por diversos teóricos e intelectuais da América Latina no final dos anos 1990. Esse coletivo de pesquisadores realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial”.

Tal “giro” se materializa na elaboração de novas teorias e conceitos, tais como a colonialidade do poder, apresentado inicialmente por Aníbal Quijano, que pode ser entendido como a estrutura fundamental da formação do sistema mundo moderno, colonial e pós-colonial, termo este que engloba o controle da economia, autoridade, gênero e sexualidade, conhecimento, natureza, recursos naturais e subjetividade. A partir dele, o coletivo MC traz outros termos mais apropriados para lidar com cada uma das questões que a colonialidade do poder engloba (BALLESTRIN, 2013).

Mas o que é a colonialidade? Quando falamos de colonialidade, estamos falando de uma estrutura de pensamento advinda da Modernidade, produzida pelos e nos países europeus colonizadores, e presente nos territórios colonizados. Distinta da colonização propriamente dita, que se refere à dominação administrativa e política, a colonialidade trata da dominação cultural e epistemológica dos saberes eurocêntricos hegemônicos: um fenômeno que alcança várias partes do mundo e perdura até os dias atuais.

Com a emancipação latino-americana no início do século 19, iniciou-se um processo de descolonização parcial, já que as repúblicas conseguiram livrar-se do peso da dominação política das metrópoles, mas a colonialidade e seus principais efeitos continuaram a ordenar essas sociedades, produzindo-se, com o passar do tempo, diversas estruturas sociais de matriz colonial. É claro que o colonialismo como fenômeno histórico precede e origina a colonialidade enquanto matriz de poder, mas a colonialidade sobrevive ao colonialismo (QUINTERO; FIGUEIRA; ELIZALDE, 2019, p. 6).

Logo, a partir das pesquisas do grupo MC, podemos pensar o conceito de colonialidade como essa epistemologia eurocentralizada, que foi difundida e é amplamente aceita e reproduzida atualmente. Aqui, vale destacar a produção do sociólogo peruano Aníbal Quijano, que explicitou três tipos de colonialidade, quais sejam, colonialidade do poder, colonialidade do saber e colonialidade do ser.

Tabela 1

Tipo de Colonialidade	Definição	Principal Impacto
Colonialidade do Poder	Estrutura de dominação que organiza o mundo com base em categorias raciais e hierarquias globais.	Hierarquização racial e exploração econômica, sustentando a modernidade capitalista.
Colonialidade do Saber	Imposição de epistemologias europeias como universais e	Deslegitimação de formas de conhecimento não ocidentais e

	exclusão dos saberes afrodescendentes e indígenas.	centralização do eurocentrismo acadêmico.
Colonialidade do Ser	Desumanização e inferiorização de povos racializados, negando-lhes subjetividade e agência.	Alienação cultural, internalização da inferioridade e desvalorização de identidades não europeias.

Fonte: Adaptado de QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

Ainda sobre a colonialidade do poder, Quintero, Figueira e Elizalde (2019) dizem o seguinte:

A colonialidade do poder configura-se a partir da conjugação de dois eixos centrais. De um lado, a organização de um profundo sistema de dominação cultural que controlará a produção e a reprodução de subjetividades sob a égide do eurocentrismo e da racionalidade moderna, baseado na classificação hierárquica da população mundial. De outro, a conformação de um sistema de exploração social global que articulará todas as formas conhecidas e vigentes de controle do trabalho sob a hegemonia exclusiva do capital (p. 5).

Assim, compreender a colonialidade do poder na prática é entender que a estrutura das sociedades atuais do Sul Global fundamentaram-se e continuam a se fundamentar em concepções e regras estabelecidas nos países colonizadores, impostas durante o período colonial de forma muitas vezes brutal. Significa entender, também, que isso resultou na imposição de crenças, pensamentos e políticas muitas vezes estranhas a dado país, mas adotadas como norma padrão a ser seguida tanto pela população nativa, quanto pela invasora.

Nada que surpreenda, pois é assim que a colonialidade de poder geralmente opera: como uma forma do colonizador ter controle sobre o povo colonizado, começando pelo domínio do seu território e estendendo-o para outras esferas, tais quais as subjetividades e os corpos dos nativos, as ordens sociais e as formas de conhecimento.

María Lugones e a colonialidade de gênero

Sendo base para a dominação e exploração europeias, a colonialidade do poder constitui referência para a criação de outras categorias analíticas do movimento decolonial, seja no âmbito da obra do próprio Quijano, seja no âmbito das obras de seus colegas associados ao MC. Uma dessas colegas é a socióloga argentina María Lugones, que desenvolveu seus estudos dentro da área dos estudos decoloniais com foco no que ela denomina colonialidade de gênero.

É importante apontar que Lugones desenvolve esse conceito para preencher a lacuna deixada por Aníbal Quijano ao formular a colonialidade do poder, pois, ao discuti-lo, ele generaliza a experiência masculina e reduz a concepção de gênero a um fator biológico. Para Lugones, a abordagem de Quijano não considera como o gênero e a sexualidade foram moldados pelo projeto colonial, impondo uma norma heterossexual e binária que não apenas subordina as mulheres, mas

também desumaniza sujeitos que não se encaixam nesse paradigma. Assim, ao desafiar Quijano, Lugones amplia a discussão sobre como a colonialidade opera, não apenas por meio da racialização e da exploração econômica, mas também na construção das categorias de gênero e sexualidade, reforçando ainda mais o sistema opressivo e exploratório do colonialismo. Como afirma a autora, “a colonialidade do gênero nos permite compreender que a imposição de um sistema de gênero binário e hierárquico foi central no processo de dominação colonial” (LUGONES, 2014)

Lugones deseja ir além das categorias de colonialidade apresentadas por Quijano para teorizar sobre os impactos e efeitos do “ser mulher” / “existir feito mulher” na construção social da marginalização histórica. Ao fazê-lo, desenvolve reflexão que explora como o colonialismo não apenas estruturou relações de poder político e econômico, mas também impôs novas dinâmicas de gênero e sexualidade às sociedades, especialmente às mulheres colonizadas.

Afinal, a colonialidade, segundo a autora, invariavelmente racializa as relações de gênero, desumanizando mulheres negras e indígenas e destruindo sistemas de gênero pré-coloniais, muitas vezes mais diversos e menos hierarquizados do que os dito eurocêtricos. Essa dimensão da colonialidade é inseparável das colonialidades do poder, do saber e do ser, demonstrando como as opressões de gênero, raça e classe estão interconectadas no sistema moderno-colonial. É uma perspectiva singular, que valoriza a experiência feminina no Sul Global e leva em conta a realidade da mulher colonizada, não branca, em suas análises (CARVALHO, 2023).

Em sua pesquisa, Lugones, não só define o conceito de colonialidade de gênero, mas que a partir deste conceito, passa-se a ter uma outra perspectiva sobre a grande parte da marginalização feminina, principalmente sofrida por aquelas que fogem ao estereótipo idealizado pela colonialidade.

No âmbito dessa reflexão, no artigo “Rumo a um feminismo descolonial” (2014), Lugones apresenta o termo “lócus fraturado” para descrever a experiência de pessoas colonizadas que vivem sob dicotomias hierárquicas impostas pelo sistema colonial/moderno de gênero. Esse lócus, apesar de atravessado por tal dicotomia, representa um espaço de atuação onde a oposição à opressão colonial se manifesta, já que ele é fraturado pela presença que resiste, a subjetividade ativa das/os colonizadas/os” (LUGONES, 2014).

Essa perspectiva de resistência é fundamental para a transformação e a recriação das identidades e práticas culturais marginalizadas, permitindo que os sujeitos colonizados, além de compreender o sistema de gênero imposto, possam escolher entre ignorar, rejeitar, adotar, integrar ou adaptar elementos da cultura dominante, valendo-se dela da maneira que mais lhes interessar.

Gloria Anzaldúa e a literatura feminina decolonial

O conceito de “lócus fraturado”, elaborado por Lugones, diz de biografias tais quais a da escritora Glória Evangelina Anzaldúa (1942-2004), mulher chicana, mestiça, lesbica, dissidente no mundo normativo, e cuja obra materializa a resistência vivida e a arte produzida em contextos coloniais.

Anzaldúa, além de escritora, foi poeta, teórica, professora e ativista—uma intelectual pública por excelência—alguém que não só desafiava fronteiras físicas, culturais e epistemológicas em sua obra, mas também encarnava as promessas da abordagem decolonial. Talvez porque, vivendo boa parte de sua vida nos Estados Unidos na companhia de familiares mexicanos, fluente nas expressões linguísticas tanto do colonizador quanto dos colonizados—sendo os Estados Unidos a potência colonizadora e os chicanos a minoria nesse contexto—Lugones foi capaz de compreender as complexidades das identidades fronteiriças, de traduzi-las em prosa e em verso, num trabalho de resistência típico de quem habita encruzilhadas (BOYLE; STAVANS, 2022).

Incorporando narrativa, teoria e poesia em sua escrita; conferindo a seu texto um teor autobiográfico; rompendo com normas acadêmicas tradicionais, Anzaldúa resiste e “reexiste” por meio das palavras, desafiando “a supremacia da epistemologia colonial” e marcando sua presença em espaços que lhe são hostis (ANZALDÚA, 1987). Dessa forma, a autora contribui significativamente para o pensamento decolonial, sobretudo no que se refere a discussões relativas a gênero, sexualidade e cultura.

Exemplo disso é o que Anzaldúa faz em “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1981/2000). “Falando em línguas”, como o próprio título sugere, é um texto endereçado às mulheres com quem a autora se identifica e com que se solidariza. Nele, ela trata dos desafios enfrentados por mulheres escritoras de cor, incentivando-as a expressar suas experiências únicas e a resistir às normas opressoras impostas pela sociedade (ANZALDUA, 2000).

Anzaldúa continua a produzir textos valiosos e provocativos, que tematizam gênero e sexualidade no contexto da (de)colonialidade, com *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987). Livro que alterna entre a teoria e a poesia, que transita entre o inglês, o espanhol e dialetos chicanos, que recorda o passado e aponta para o futuro, *Borderlands/La Frontera* examina a experiência feminina decolonial, com atenção para a vivência de uma mulher que usou a literatura para levantar sua voz. Nele, a autora “empreende uma longa jornada de autoconhecimento da condição feminina em seus aspectos culturais, sociais, espirituais, ao mesmo tempo em que inquire duramente as representações autoritárias da sociedade na qual se insere” (VERUNSCHK, 2013).

Explorando Gloria Anzaldúa em Sala de Aula

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) determina o seguinte em seu artigo 2º: “A educação deve promover o preparo para o exercício da cidadania e o desenvolvimento integral do educando” (BRASIL, 1996). É nossa posição que Anzaldúa tem muito a contribuir nessa frente, já que toda a sua obra responde bem às demandas dessa concepção de educação, que tanto preza a formação crítica e transformadora dos alunos.

Sua literatura feminina decolonial, por exemplo, pode promover reflexões sobre opressão, resistência e pertencimento, ajudando os alunos a compreenderem questões de identidade e cidadania em contextos globalizados e multiculturais. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), em particular, pode empoderá-los, especialmente aqueles pertencentes a grupos marginalizados, para reconhecerem suas histórias e contribuições como partes legítimas da sociedade.

“Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1981/2000) é outra produção da autora que pode servir ao mesmo propósito. Uma representação de personalidade feminina, mestiça e *queer*, o texto reflete experiências femininas interseccionais, desafiando padrões patriarcais e eurocêntricos. Ao incluir textos desse tipo no currículo, o professor atua no sentido de proporcionar uma aprendizagem que valoriza a representatividade de gênero e as experiências vividas fora do espaço acadêmico formal, conforme a LDB recomenda relativamente à “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996, art. 3º, inciso I) e à “valorização da experiência extraescolar” (BRASIL, 1996, art. 3º, inciso X).

Daí a proposição de sequência didática -- que se detalha a seguir -- centrar-se em produções de Anzaldúa, com recurso ao poema “Mulher Cacto”, do livro *Borderlands/La Frontera* (1987), e a seções de “Falando em línguas” (1981/2000). Tal sequência, relativa ao ensino de literatura, constitui ferramenta pedagógica essencial, que organiza o ensino em etapas planejadas. Ainda a respeito dessa sequência, é importante registrar a contribuição de Rildo Cosson (2021), que estrutura o ensino da escrita em cinco momentos: motivação, leitura, interpretação, produção textual e avaliação. A motivação visa despertar o interesse dos alunos, enquanto a leitura amplia seu repertório linguístico. A interpretação permite a compreensão crítica dos textos, e a produção textual estimula a escrita. Por fim, a avaliação serve para diagnosticar os avanços e ajustar as práticas pedagógicas, possibilitando que os alunos compreendam a literatura como expressão artística e meio de diálogo com o mundo.

Finalmente, o público-alvo da vez é uma turma do terceiro ano do ensino médio, cujo contato com os textos da autora deve, idealmente, “consolidar e aprofundar os conhecimentos adquiridos, com ênfase no desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico [da dita turma]” (BRASIL, 1996, artigo 35, inciso I).

Tabela 2

Aula 1: Introdução à Gloria Anzaldúa / Contextualização de seus textos

Atividade	Objetivo	Ações Promovidas pela Professora	Resultado Esperado	Tempo
Introdução à autora e aos seus textos	Apresentar Gloria Anzaldúa e seus textos; Contextualizar a vida e obra da autora, com foco em certos conceitos	- Discussão sobre o contexto histórico e cultural de Gloria Anzaldúa - Apresentação do texto “Mulher Cacto” e “Falando em línguas” - Exploração de ideias principais	- Alunos compreendem o tema central e o contexto das obras - Reconhecem o enfoque feminista e decolonial	50min

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2025).

Para a primeira aula desta sequência didática, será realizada uma introdução à vida e à obra de Gloria Anzaldúa, destacando aspectos relevantes de sua trajetória e do contexto histórico-cultural em que sua produção se insere. Esta fase inicial, vale apontar, é fundamental para o entendimento do texto, pois busca motivar os alunos e situá-los no universo das obras, conectando-as à realidade e às vivências dos leitores (COSSON, 2021).

Em seguida, será abordado o contexto dos livros em que o poema “Mulher Cacto” (*Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*, 1987) e o texto “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (*This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color*, 1981) aparecem, priorizando a conexão dessas obras com os conceitos introdutórios decoloniais e feministas que permeiam seu trabalho. Essa abordagem visa valorizar a diversidade cultural e linguística e promover reflexões sobre o combate às desigualdades, alinhando-se ao Art. 3º da LDB (BRASIL, 1996), que enfatiza o respeito à diversidade. A aula também buscará relacionar esses contextos ao cotidiano dos estudantes, criando um ponto de partida para discussões mais aprofundadas ao longo da sequência.

Tabela 3

Aula 2: Leitura e Discussão do Texto “Mulher Cacto”

Atividade	Objetivo	Ações Promovidas pela Professora	Resultado Esperado	Tempo
Leitura e discussão do texto “Mulher Cacto”	Analisar metáforas, simbolismos e resistência presentes no texto	- Leituras em grupo - Discussão guiada sobre os símbolos femininos e as metáforas presentes no texto - Atividades de identificação de figuras e mensagens	- Alunos identificam e interpretam símbolos e metáforas femininas - Alunos conectam o texto ao contexto de resistência	50min

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2025).

Para a segunda aula, propõe-se focar no poema “Mulher Cacto”, começando pela sua leitura e prosseguindo depois para uma discussão guiada. Essas atividades representam, idealmente, um momento de aprofundamento na leitura e interpretação, inerentes a uma sequência didática centrada em literatura (COSSON, 2021). Logo abaixo, estão as seções/estrofes do poema que serão utilizadas para análise em sala de aula, após a apresentação do poema na íntegra aos estudantes.

¹Mulher Cacto

A mulher do deserto
tem espinhos
os espinhos são seus olhos
se te aproximás, te arranha.
...
A mulher do deserto
se enterra na areia com os lagartos
passa o dia no buraco
tem o couro duro
não resseca ao sol
vive sem água.
...
Como uma flor, a mulher do deserto
não dura muito tempo
mas enquanto vive enche o deserto
com flores de palma e paloverde.
...
A mulher do deserto, como o vento,
sopra, faz as dunas, as colinas.
...
(ANZALDÚA, 1987).

A aula deverá explorar as metáforas presentes no poema, que representam resistência e adaptação no deserto. O professor incentivará os alunos a interpretar passagens como: “*A mulher do deserto tem espinhos, os espinhos são seus olhos, se te aproximás, te arranha*”, discutindo a força e a autonomia da figura feminina diante das adversidades. O objetivo é promover uma reflexão sobre a resiliência e a relação entre o ser feminino e o meio em que a mulher está inserida, que pode muitas vezes ser hostil a ela, articulando literatura e experiência. Tal abordagem, promotora de reflexão sobre texto literário, está diretamente articulada àquilo que a LDB determina quando trata da formação integral do indivíduo.

Tabela 4

Aula 3: Leitura e Discussão do Texto “Falando em línguas”

Atividade	Objetivo	Ações Promovidas pela Professora	Resultado Esperado	Tempo
Leitura do texto	Explorar barreiras	- Leituras em grupo	- Alunos compreendem a	50min

¹ Trechos selecionados e adaptados do poema original de Gloria Anzaldúa, presente no livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987).

“Falando em línguas”	linguísticas e a perspectiva decolonial no texto	- Discussão guiada sobre os símbolos femininos e metáforas presentes no texto - Atividades de identificação de figuras e mensagens	perspectiva feminina e decolonial - Alunos reconhecem a possibilidade de empoderamento através da escrita	
----------------------	--	---	--	--

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2025).

Já a terceira aula será dedicada à leitura, análise e interpretação de um texto mais longo, qual seja, “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo” (1981/2000). Ele será disponibilizado aos alunos na íntegra. Para os propósitos de análise mais efetiva em sala de aula, porém, o trabalho do professor priorizará trechos selecionados:

Por que escrevemos? Escrevemos para registrar aquilo que nos acontece, aquilo que está presente em nossas vidas [...] Escreva com as entranhas, com o coração. Escreva com o corpo. Escrever é uma forma de lutar e sobreviver [...] A palavra é uma arma para lutar contra a opressão. Escrever é uma forma de resistência [...] Precisamos criar uma nova linguagem. Uma linguagem de resistência. Uma linguagem que nos permita falar como mulheres de cor [...] Somos uma irmandade de mulheres de cor. Nossas palavras são nossas armas. Nossas palavras são nossas ferramentas de sobrevivência (ANZALDÚA, 1981/2000).

A partir dos trechos acima, pode-se incentivar os alunos a lerem para além da decodificação textual (COSSON, 2021): a refletirem sobre as barreiras e dificuldades que as mulheres, principalmente aquelas em situações de marginalização, podem encontrar ao escrever, bem como a refletirem sobre a escrita como uma possibilidade de resistência, como algo que encoraja mulheres a darem voz a suas experiências. Nisso, a aula busca promover a compreensão crítica e estética da literatura (COSSON, 2021) e a valorização das diferentes vozes e experiências sociais, atendendo aos princípios previstos nos incisos I e IX do artigo 3º da LDB, que enfatizam a igualdade de condições e o respeito ao pluralismo.

Tabela 5

Aula 4: Comparação entre os Textos e Discussão sobre Perspectiva Feminina Decolonial

Atividade	Objetivo	Ações Promovidas pela Professora	Resultado Esperado	Tempo
Comparação dos textos “Mulher Cacto” e “Falando em línguas”	Explorar como os textos abordam identidade e resistência feminina	- Debate sobre os temas abordados em ambos os textos - Atividades de comparação entre metáforas, simbolismos e perspectivas femininas e decoloniais neles	- Alunos fazem conexões entre os textos e discutem temas como resistência e identidade - Alunos refletem sobre a perspectiva decolonial feminina que os textos mobilizam	50min

		presentes - Produção de mapas conceituais		
--	--	--	--	--

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2025).

Nessa aula, os estudantes realizarão uma análise comparativa entre os textos “Mulher Cacto” e “Falando em línguas”, destacando como ambos abordam resistência, identidade e o papel da mulher em contextos desafiadores. Ao articular diferentes textos literários, a sequência didática favorece a construção de significados mais amplos, estimulando conexões intertextuais e promovendo uma visão mais complexa da literatura e do mundo (COSSON, 2021). Para viabilizar tal comparação, a professora poderá promover debates em grupos, utilizando mapas conceituais para sistematizar ideias. O objetivo é aprofundar o entendimento da perspectiva feminina decolonial e fortalecer a capacidade argumentativa dos estudantes, em consonância com o que prescreve o artigo 29 da LDB, ao incentivar práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento do pensamento crítico e da autonomia intelectual.

Tabela 6

Aula 5: Produção Textual e Apresentação

Atividade	Objetivo	Ações Promovidas pela Professora	Resultado Esperado	Tempo
Produção textual e apresentação	Criar textos ou projetos baseados nos textos e temas discutidos	- Orientações para a criação de textos reflexivos ou apresentações visuais - Reunião para revisar e aperfeiçoar os trabalhos - Apresentações finais	- Alunos produzem textos ou apresentações que demonstram a compreensão das perspectivas femininas e decoloniais	50min

Fonte: Tabela elaborada pela autora (2025).

Para encerrar a sequência didática, a quinta aula busca sintetizar os aprendizados por meio da produção criativa, podendo ser uma forma de avaliação direta dos estudantes. A produção criativa, nesses termos, abarca o que Cosson (2021) denomina socialização, parte crítica para consolidar os aprendizados dos estudantes e estimulá-los a compartilhar suas opiniões, num exercício tanto de protagonismo quanto de empatia pela percepção do outro. Os estudantes escreverão textos ou desenvolverão projetos que reflitam sua compreensão sobre os temas abordados, como resistência e identidade feminina em perspectiva decolonial. A professora oferecerá suporte e orientações para garantir o entendimento dos estudantes e a qualidade das suas produções. Essa atividade reforça a expressão individual e o protagonismo estudantil, atendendo à LDB em seu artigo 35, que destaca a importância de se preparar os alunos para o exercício

consciente da cidadania. Além disso, a atividade possibilita, aos alunos, exercitar a habilidade de se posicionar criticamente diante dos desafios sociais contemporâneos.

Considerações finais

Por fim, é fundamental destacar que a pretensão de apresentar, aqui, uma proposta viável para a introdução dos estudantes à literatura feminina decolonial, através das produções de Gloria Anzaldúa. Vale ressaltar também que a sequência didática apresentada é apenas uma das inúmeras formas de se introduzir tal expressão literária aos estudantes do ensino médio, além de representar uma tentativa de contribuir para que a perspectiva decolonial, assim como a discussão sobre gênero e feminismo, sejam exploradas em sala de aula.

Pretensão à parte, entende-se que não é uma simples proposta de sequência didática que irá promover uma mudança drástica na forma como a sociedade compreende e (re)produz conceitos como gênero e feminismo. No entanto, considera-se que, ao haver tentativas de apresentar esses conceitos, aliados ao uso da literatura em sala de aula, é possível fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico, da autonomia intelectual e do autoconhecimento dos estudantes, ao mesmo tempo em que se lhes abrem portas para identificação e inspiração.

Por fim, importa refletir sobre a necessidade de registrar e escutar a multiplicidade de vozes minorizadas, notadamente em um contexto predominantemente masculino, branco, heteronormativo e, muitas vezes, rico, como é o da academia e da produção de saberes. Ao abrir espaço para esses diversos sujeitos e suas vozes, buscamos não apenas ampliar os horizontes da produção intelectual, mas também propor a superação das barreiras que a estrutura social ainda reproduz, especialmente em países que foram colonizados.

Em suma, entendo que este trabalho não trará mudanças estruturais imediatas na educação -- nem é essa a sua intenção. Ao fim e ao cabo, trata-se de um esforço para criar um espaço escolar que valorize a pluralidade e promova a reflexão crítica sobre estruturas sociais historicamente impostas, que ainda marginalizam certos corpos, vozes e saberes. Assim, ao incluí-los, buscamos não apenas enriquecer o aprendizado, mas também colaborar para a construção de uma sociedade mais justa e plural, onde outras perspectivas sejam acolhidas e respeitadas.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Reflexão e Fenomenologia*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 165-174, jan./abr. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 5 jan. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA-ANPUH BRASIL. Homenagem a María Lugones. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5d2ow93YKWY>. Acesso em: 2 ago. 2024.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, [S. l.], n. 11, p. 89-117, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>. Acesso em: 28 abr. 2024.

BIDASECA, Karina. María Lugones. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, v. 7, n. 2, p. 13-28, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/maria-lugones/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

BOYLE, Margaret; STAVANS, Ilan. Gloria Anzaldúa. *Oxford Bibliographies*, 2022. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780199913701/obo-9780199913701-0268.xml>. Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 5 jan. 2025.

CARVALHO, Guilherme. O feminismo decolonial de María Lugones: colonialidade, gênero e interseccionalidade. *Revista TOMO*, [S. l.], v. 42, p. e17757, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/tomo/article/view/17757>. Acesso em: 28 abr. 2024.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 28 abr. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. # 3 Uma breve história dos estudos decoloniais. *Arte e descolonização: MASP Afterall*, 2019. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2024.

VERUNSCHK, Micheliney. Três poemas de Gloria Anzaldúa. *Musa Rara*, 13 out. 2013. Disponível em: <https://musarara.com.br/tres-poemas-de-gloria-anzaldua>. Acesso em: 2 jan. 2025.